

ENSINO DE ARTE: O ESPAÇO EM QUESTÃO

Data de submissão: 26/07/2024

Data de aceite: 02/09/2024

Carlos de Lima Dantas

Centro Universitário FAVENI - UNIFAVENI
Brasil
<http://lattes.cnpq.br/7892515056925839>

RESUMO: Este artigo estuda as nuances do espaço escolar destinado às aulas de artes, com foco no universo da escola pública do estado de São Paulo, caracterizando os elementos sociais, históricos, políticos e culturais que moldam e transformam o espaço educacional, por meio do estudo das relações entre os componentes que atravessam a aprendizagem da aula de arte e da configuração espacial por intermédio da arquitetura. O trabalho baseia-se em pesquisas bibliográficas, desenvolvidas a partir de observação participativa em uma sala de aula do ensino médio e de grupo focal junto ao alunado, o estudo tem como objetivo compreender as relações que se criam no espaço e como sua configuração espacial interfere no processo educativo que ali ocorre. A pesquisa visa contribuir com o desenvolvimento de estratégias formais para que as escolas públicas possam tornar o espaço mais favorável as aulas de arte, oferecendo aos seus atores sentimento de pertencimento, promovendo a aprendizagem e o fazer artístico.

PALAVRAS-CHAVE: Arquitetura, Ensino de Arte, Escola Pública, Ensino médio, Espaço

ART TEACHING: THE SPACE IN QUESTION

ABSTRACT: This article studies the nuances of the school space intended for arts classes, focusing on the universe of public schools in the state of São Paulo, characterizing the social, historical, political and cultural elements that shape and transform the educational space, through the study of relationships between the components that permeate the learning of art classes and spatial configuration through architecture. The work is based on bibliographical research, developed from participatory observation in a high school classroom and focus groups with students. The study aims to understand the relationships that are created in space and how its spatial configuration interferes in the educational process that takes place there. The research aims to contribute to the development of formal strategies so that public schools can make the space more favorable for art classes, offering their actors a sense of belonging, promoting learning and artistic practice.

KEYWORDS: Architecture, Art Teaching, Public School, High School, Space

1 INTRODUÇÃO

A intersecção entre Arte e Arquitetura constitui um terreno propício para o desenvolvimento do conhecimento e da expressão criativa no contexto educacional. Através da perspectiva artística, somos instigados a apreciar o que é belo esteticamente, como também a compreender a complexidade e as interações do espaço, por meio das relações ao nosso redor. Este estudo propõe a investigar o espaço nas aulas de arte, considerando-o um componente vital para a formação integral dos alunos. O foco do estudo recai sobre a análise das nuances do espaço escolar nas aulas de arte, tendo como cenário uma escola pública estadual de São Paulo.

A relação intrínseca entre Arte e Arquitetura remonta à história, Rudolf Arnheim, em sua obra “Arte e Percepção Visual: Uma Psicologia da Visão Criadora” (1974), ressalta o papel crucial da percepção visual na apreciação estética. Ao analisar essa experiência, pela ótica da psicologia, Arnheim sugere que nossa percepção e interpretação do mundo moldam essa experiência. Nesse sentido, explorar o espaço nas aulas de arte não só amplia o repertório estético do alunado, como também proporciona uma compreensão mais profunda da relação entre as formas visuais e a experiência humana.

Neste contexto, o espaço escolar é examinado sob a perspectiva das aulas de arte, promovendo uma compreensão mais ampla dos aspectos sociais, históricos, políticos e formais presentes na relação entre arquitetura escolar e o processo pedagógico do ensino médio.

A escolha deste tema, decorre da escassez de pesquisas sobre como o ensino de arte se relaciona com a construção do espaço na escola pública. Os estudos existentes na área pedagógica, majoritariamente se concentram em métodos formais ou no aspecto lúdico da arte, deixando esta lacuna a ser preenchida tanto no campo educacional quanto na arquitetura.

O estudo parte do pressuposto de que o espaço destinado as aulas de arte, por meio do olhar do alunado, não atende suas necessidades estruturais para compreensão e formação. Adicionalmente, almeja-se avaliar se esse tal espaço serve aos interesses do Estado ou dos próprios alunos.

Nessa discussão, percebe-se uma negligência geral quanto à questão da construção do espaço escolar, desde sua abordagem nos currículos acadêmicos até mesmo durante os processos formativos de educadores e arquitetos. Ao examinar essa dialética entre as duas disciplinas, busca-se identificar elementos que compõem esse cenário físico enquanto agente social e perceptivo.

A investigação incide sobre a seleção de uma sala de aula do ensino médio sediada na cidade de São Paulo, considerando a presença abundante e variada de elementos que a compõem. As indagações do estudo emanam da seguinte problemática: qual é o propósito servido pelo espaço designado para as aulas de arte? Ele está a serviço do Estado ou dos

estudantes? Diante desse questionamento crucial, surgem reflexões sobre as necessidades e anseios concernentes aos locais destinados a Arte/Educação¹. Partindo do pressuposto de que tais ambientes podem - e devem - cumprir funções comunitárias, integradoras e contemplativas, visando contribuir para o desenvolvimento social e físico dos indivíduos, a metodologia deste estudo avalia criticamente a percepção desse grupo em relação ao cenário educacional atual. Por meio desse grupo específico, propõe-se elaborar uma abordagem que satisfaça suas expectativas sob os prismas físico, social e pedagógico.

Diante disso, a metodologia de pesquisa adotada - observação participativa e grupo focal - tem como objetivo coletar informações substanciais para embasar uma análise crítica. Este estudo almeja suprir lacunas existentes na compreensão atual sobre como explorar este tipo de espaço, com vista a fomentar o desenvolvimento cognitivo, perceptivo e criativo dos estudantes.

O trabalho possui caráter propositivo, no sentido declaratório de uma abordagem científica, alinhada a uma metodologia analítica e crítica, ao encontro de oferecer uma visão detalhada do tema, como também propor diretrizes práticas para educadores que almejam enriquecer suas práticas pedagógicas na aula de arte.

2 O ENSINO DE ARTE

A arte está presente em diversas áreas, ou seja, comunicações, audiovisual, tecnologia e publicidade. O papel da educação, principalmente na oferta do ensino de arte, é crucial para uma formação ampla que se contrapõe às influências da dominação político-econômica que promovem o consumo, a fragmentação e a alienação individual: “Num país onde os políticos ganham eleições através da televisão, a alfabetização para a leitura é fundamental, e a leitura da imagem artística, humanizadora.” (BARBOSA, 2007, p. 35). Nesse sentido, mostra-se latente o papel das instituições públicas em promover, por meio do currículo de arte, uma representação da vida que contribua para a transformação individual e da sociedade em geral.

Ao defender o ensino de arte como um meio de enriquecimento humano, várias abordagens consideram as perspectivas do universo artístico, do artista e do espectador dentro dos contextos histórico, social, antropológico, econômico e político.

A educação é vista como a transmissão de valores e o acúmulo de conhecimento de uma sociedade. Portanto, a história da educação também é a história de uma sociedade e seu desenvolvimento cultural, econômico e político. A origem etimológica da palavra educação – “trazer à luz a ideia”, ‘conduzir para’ – ou seja, dar a possibilidade de expressão de conteúdos internos individual e socialmente construídos, desmistifica o caráter impositivo e unilateral que se possa dar ao processo educativo (Kowaltowski, 2011, p.12).

1 O termo Arte/Educação foi designado para substituir o termo Educação Artística, Ana Mae Barbosa fez a substituição primeiro para Arte-Educação, mas com o passar os tempos suas inquietações fizeram com que houvesse uma outra alteração do termo para Arte/Educação ou Ensino da Arte, a qual conhecemos até hoje.

A importância do ensino de arte se destaca não apenas na apreciação artística, mas também na interação e no aproveitamento das obras de arte. No campo pedagógico, os professores de arte buscam promovê-la como instrumento para manutenção da criatividade ao explorar diferentes formas de pensamento e expressão artística, apreciando a estética sob diferentes óticas.

Com base nessa premissa, BARBOSA (1998), discute o ensino de arte como um agente ativo, por meio de uma proposta triangular desenvolvida através de atividades de apreciação artística, fruição e produção criativa. Nesse sentido, destaca-se a relevância do ambiente educacional ao afirmar que a estrutura física é fundamental para estimular o significado das expressões artísticas e promover a comunicação. Para incorporar esses conceitos na prática educacional, sugere-se a construção de espaços com recursos adequados para motivar os alunos por meio das diversas formas de linguagens artísticas. Esses ambientes flexíveis buscam promover a criatividade, interação social e o respeito à diversidade cultural.

A Proposta Triangular deriva de uma dupla triangulação. A primeira é de natureza epistemológica, ao designar os componentes do ensino/aprendizagem por três ações mentalmente e sensorialmente básicas, quais sejam: Criação (fazer artístico), leitura da obra de arte e contextualização. A segunda triangulação está na gênese da própria sistematização, originada em uma tríplice influência, na deglutição de três outras abordagens epistemológicas, as Escuelas Aire Libre mexicanas, o Critical Studies inglês e o Movimento de Apreciação Estética aliado ao DBAE (Discipline Based Art Education) americano (BARBOSA, 2007, p. 33).

Sendo assim, a sala de arte representa um local produtivo e dinâmico, capaz de favorecer o desenvolvimento integral dos estudantes ao fomentar interações humanas e facilitar a integração entre as diversas culturas. “O caráter essencial da arquitetura – o que faz distingui-la das outras atividades artísticas – está no fato de agir com um vocabulário tridimensional que inclui o homem.” (ZEVI, 1978, p.11).

Para criar esse ambiente propício são necessários estudos conjuntos nas áreas da pedagogia e arquitetura. Os elementos chave para concretizar tais ideias, estão na integração harmoniosa entre arquitetura e pedagogia na concepção de um espaço ideal para o ensino da arte – onde os alunos possam desenvolver sua aprendizagem mediante uma prática artística condizente com suas percepções – permitindo um progresso mais fluido e eficaz.

O ESPAÇO EM QUESTÃO

A reflexão acerca do ambiente escolar embarca majoritariamente, na avaliação cuidadosa das dimensões formais, legais e visuais com base em conceitos estéticos e plásticos que espelham a evolução da sociedade. No entanto, para compreender a configuração social atual é essencial compreender a interação entre escola, arquitetura e sociedade. Dentro desse contexto, o ensino de arte, desempenha um papel destacado, especialmente no que diz respeito à construção do espaço durante as aulas de arte como indicador das experiências formativas para os alunos desta pesquisa.

Diante desta interpretação mais ampla sobre a configuração social e o papel do espaço na construção da subjetividade, a adoção da arquitetura e suas interpretações, vão muito além das dimensões formais e físicas. Para Zevi (1948) suas interpretações são: política, filosófico-religiosa, científica, econômico-social, materialista, técnica, fisiopsicológica, formalista e espacial.

Ao abordar o tema do espaço no ensino de arte e o papel da arquitetura dentro dessa perspectiva de pesquisa, é relevante considerar o que Zevi diz:

[...] A maior dificuldade que se encontra, ao compilar uma história da crítica arquitetônica, consiste no fato de uma grande parte das mais geniais intuições sobre a arquitetura se encontrar espalhada em livros de filosofia, estética geral, poemas, romances, contos e páginas de arquitetos. São poucos os autênticos críticos da arquitetura [...] baseiam-se geralmente nos problemas de composição na secular batalha entre o grego e o gótico, entre o gosto clássico e gosto romântico [...] se ao contrário consultarmos os historiadores, os filósofos, os estetas, continuamente encontramos observações agudas e precisas. (ZEVI, 1948, p. 97).

Zevi, (1948) afirma: “Mas a arquitetura não provém de um conjunto de larguras, comprimentos e alturas dos elementos construtivos que contém o espaço, mais precisamente do vácuo, do espaço contido, do espaço interior em que os homens andam e vivem”.

Tudo aquilo que ocorre no dia a dia está imerso no tecido social. Os processos, dinâmicas sociais e formas, moldam o território e demonstram como o espaço é utilizado. No âmbito analítico, explorado neste tópico, a ideia de espaço difere significativamente dos conceitos de lugar, extensão ou área. Para refletir sobre os conceitos de ócio e vazio, faz-se uso da metáfora do “espaço”.

O ambiente - a sala de aula de arte - é percebido como um espaço ocupado e habitado que reflete as relações humanas presentes na sociedade. Para o desenvolvimento da pesquisa, adotou-se as interpretações sumárias discutidas por Zevi (1948), tendo a interpretação espacial, margeando o objeto investigado.

Conforme Zevi (1948, p. 128) “Esta enumeração sumária das interpretações arquitetônicas demonstra que as mesmas se dividem em três grandes categorias: interpretações relativas ao conteúdo, interpretações fisiopsicológicas e interpretações formalísticas”.

Apesar do desenvolvimento da pesquisa se manter a luz da Interpretação espacial, também se mostrarão presentes observações dos demais métodos discutidos por Levi (1948), haja visto que a arte, por seu ensino na escola pública e a arquitetura, enquanto elemento norteador da pesquisa, não serão observados por um caráter meramente formalístico.

No contexto do ensino de arte na escola pública, as considerações de Zevi (1948) enquanto arquiteto e crítico de arte, lançam luz sobre a necessidade de repensar o espaço como uma ferramenta educativa. Zevi (1948), ao longo do desenvolvimento da pesquisa, propusera diálogo sobre o espaço físico não ser apenas um recipiente passivo para as atividades artísticas, mas um agente ativo no processo de aprendizagem e expressão criativa. Em consonância com essa perspectiva, a concepção do espaço para o ensino de arte na escola pública deve ser holística considerando não apenas aspectos funcionais, mas também estéticos, simbólicos e psicológicos. Um ambiente que favoreça a liberdade de experimentação, a interação social e a reflexão crítica, potencializando o desenvolvimento artístico e cognitivo do alunado.

4 DESENVOLVIMENTO

O desenvolvimento da pesquisa está embasado na ampliação dos sentidos físicos, a fim de se possibilitar a captação por meio das interações com o grupo estudado, ou seja, no sentido de pertencimento ao espaço.

Nesse sentido, as ferramentas utilizadas são estruturadas com base na observação participativa e no grupo focal, visando analisar o discurso crítico e os resultados que possam contribuir para a elaboração de estratégias que promovam a construção do sentimento de pertencimento. Os procedimentos de abordagem serão apresentados em paralelo às discussões e análises realizadas.

O método empregado visa assegurar a compreensão e interpretação por meio da observação. A observação consiste em um exame minucioso que requer atenção na coleta e análise dos dados, informações e evidências (Martins & Théophilo, 2008).

Os instrumentos objetivam formular, por meio do reconhecimento dos dados e da avaliação do grupo investigado, observações relacionadas ao objetivo proposto, diante do cenário presente na sala de aula. Isso indica que a pesquisa busca compreender a concepção do espaço nas aulas de arte. Em vista disso, Lüdke destaca:

A observação direta permite também que o observador chegue mais perto da “perspectiva dos sujeitos”, um importante alvo nas abordagens qualitativas. Na medida em que o observador acompanha *in loco* as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações. (LÜDKE, 1986, p. 26)

Antes de selecionar o método a ser utilizado, primeiramente se discutiu junto aos representantes da sala, como acontece regularmente na instituição - acerca de qualquer ação - a criação do instrumento aplicado.

Os contatos estabelecidos com os representantes tinham como objetivo compreender antes da aplicação do método, a dinâmica social presente no grupo, a fim de se esclarecer possíveis dúvidas sobre o objeto da pesquisa e promover uma intervenção mais profunda na sala de aula.

a. Sujeitos e o universo da pesquisa

Os sujeitos da pesquisa fazem parte do primeiro ano do ensino médio de uma escola pública no estado de São Paulo. A sala de aula é composta por 32 alunos de faixa etária entre 14 e 15 anos, sendo autodeclarados 17 do sexo feminino e 15 do sexo masculino. A turma possui 2 aulas de arte por semana, sendo elas todas as quartas-feiras, nas primeiras aulas, no horário das 13h às 14:30h.

O modelo de ensino do estado, baseia-se no “novo ensino médio”, no qual caracteriza-se pela adoção de carga horária obrigatória prevista na BNCC (Base Nacional Comum Curricular).

O universo da pesquisa – ensino de arte – encontra-se relacionado a área de linguagens, juntamente com língua portuguesa, língua inglesa e educação física. Também compõe a carga horária obrigatória, as áreas de ciências da natureza (biologia, física e química) e ciências humanas (filosofia, geografia, história e sociologia).

b. Percurso

O contato inicial para formação do grupo focal se deu inicialmente após a conversa com os representantes da sala, ou seja, logo após a definição do objeto de pesquisa e da metodologia adotada.

Na data de formação do grupo focal, estavam presentes 27 alunos, sendo 12 autodeclarados do sexo masculino e 15 autodeclarados do sexo feminino. A formação ocorreu de maneira espontânea e descontraída, de modo que o grupo se sentia confortável em revelar suas opiniões e pontuar acerca das questões que se propunha analisar as margens do percurso metodológico. Descartou-se nessa etapa da pesquisa a formulação de um questionário semi ou totalmente estruturado, haja visto, que a pesquisa se embasou também na observação participativa, ou seja, havia naquele encontro com o grupo, hipóteses formuladas, das quais foram produzidas a luz da problematização do universo estudado. Com isso, compreender e conectar suas respostas de maneira natural e espontânea, mostrava-se o principal propósito nesta etapa.

O encontro durou aproximadamente 45 minutos, abordando a problematização da pesquisa: Qual é o propósito servido pelo espaço designado para as aulas de arte? Ele está a serviço do Estado ou dos estudantes? Naturalmente, estas questões foram discutidas em meio a um bate papo informal e descontraído.

A estratégia de afastar-se de uma abordagem rígida e da comunicação científica, ia ao encontro de que o alunado pudesse expressar de maneira verossímil sua opinião, mantendo o percurso e a abordagem científica em segundo plano.

No que se refere ao ambiente físico, o grupo revelou compreensão quando indagado conceitualmente sobre o significado de “*espaço físico*”. As respostas coincidiam: “*Espaço físico é isso aqui*” - apontando ao redor. Quanto à ocupação desse “*espaço*”, o grupo que parecia entender, indicava como uma das alternativas, que a ocupação era feita apenas quando necessária. Mas afinal, o que seria considerado necessário? “*O espaço que permanece aberto*”. A partir destes relatos, a suspeita de que o grupo não compreendia a diferença entre função e uso se fortalecia diante das respostas divergentes de alguns alunos do grupo.

A confirmação da hipótese levantada tornava-se evidente nas demais questões cujo objetivo era avaliar o grau de clareza dos alunos sobre a construção do espaço destinado às aulas de arte, ou seja, quem o planejou e para quem foi planejado. Sobre as dimensões da sala de aula para o ensino de arte, predominantemente o grupo apontou sua inadequação para realizar as atividades, sugerindo ainda a criação de novos espaços.

Quando questionado qual seria esse “*novo espaço*” e para que tipo de atividade ele se mostra necessário, o alunado aponta a produção de atividades práticas: “*a gente não consegue pintar, porque suja tudo aqui*”. Também houve comparações a outros componentes curriculares: “*a aula de educação física a gente faz na quadra né*”. Esse tipo de resposta, apontando para a criação de um espaço físico apropriado, segundo a avaliação do alunado, mostrou-se um dos mais importantes momentos da discussão. Diante desse cenário, iniciaram-se observações sobre como deve ser esse espaço: dimensões, cores, mobiliário e materiais.

Um dos integrantes do grupo, iniciou a descrição apontando para a dimensão do mobiliário: “*esse tipo de mesa é muito pequenininho, a gente não é mais criança né prof*”. O segundo sugere uma mesa grande, onde todos possam se sentar e trabalhar com diversos tipos de materiais, o terceiro tenta descrever o material apropriado para a aula de pintura: “*podia ter aqueles negócios pra gente colocar um quadro pra pintar né*”, fazendo referências aos cavaletes. Também foi indagado sobre as cores: “*Prof para uma aula de arte, nossa sala é bem sem graça né. Eu estudava em uma escola, onde a gente pintava as paredes – grafite – e também podíamos expor nosso material produzido na aula de arte*”. Ao ser questionado sobre qual escola havia descrito, respondeu se tratar de uma unidade escolar destinada ao Ensino Fundamental Anos Iniciais.

Percebendo que o problema foi reconhecido, surgiram debates sobre o assunto, porém ainda de forma fragmentada em relação a uma possível mudança. Pelos relatos dos estudantes, nota-se que a questão do espaço, está associado a problemática da ocupação inadequada, evidenciada por diversas razões, especialmente devido à superlotação e à infraestrutura insuficiente.

Diante disso, avançaram as discussões sobre propostas para a construção de um espaço – diferente - e que fosse mais propício para o sentimento de pertencimento e do ensino de arte. Com isso, o grupo refletiu se esse “*espaço*” existia na escola e se estava ocupado. Um aluno, de maneira ríspida diz: “*não existe e nunca vai existir prof*”. Naturalmente, esse tipo de fala despertou curiosidade no grupo, sobre as razões que o motivaria a pensar dessa maneira. Eis então que o aluno complementa: “*até hoje a gente nunca usou o laboratório que disseram que ia ser feito pra gente usar microscópio, até parece que vão fazer alguma coisa pra gente na aula de arte*”. A fala do aluno revelava inconscientemente aquilo que ele compreendia como prioridade, ou seja, o ensino de Ciências. Se para ele, até aquele momento, nunca se fez nada para a adequação do ensino de Ciências, quem dirá o estado fazê-lo para o ensino de arte.

O grupo também destacou como proposta o esvaziamento de uma sala de aula para a adequação do espaço para o ensino de arte. Ao serem questionados sobre a redistribuição desses alunos, uma vez que a sala seria ocupada para o ensino de arte, propuseram distribuir em salas na mesma escola ou transferi-los para outras unidades de ensino. Um dos alunos, também destacou a área do pátio onde poderia ser adaptado e transformado naquilo que considera como “laboratório de arte”. Novamente, o mesmo aluno que já havia respondido de maneira ríspida e simplista, questiona: “*a gente vai passar o intervalo aonde? A gente já não tem espaço pra nada nessa escola, tirar um pedaço do pátio vai ser osso*”.

O encontro se encerra sobre a perspectiva do alunado de que a escola, não dispunha de espaços adequados, sobretudo pelo excesso de alunos que impossibilitava o destino das áreas disponíveis para a criação de um “novo” espaço.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação do espaço físico destinado às aulas de arte, mostrou-se questão crucial, ao longo do desenvolvimento da pesquisa. Fator inerente a qualidade do ensino e a experiência dos alunos. Considerando as contribuições de Zevi (1948), é fundamental analisar não apenas a funcionalidade do espaço, mas também seus aspectos estéticos, simbólicos e pedagógico, por meio de uma abordagem interdisciplinar, ou seja, pelo olhar da arquitetura e da educação. Sendo possível, neste caso, compreender o espaço como um ambiente dinâmico capaz de catalisar a criatividade, o pensamento crítico, a expressão do alunado e a sua contribuição por meio de reflexões e propostas discutidas no grupo focal da pesquisa.

Durante a avaliação do espaço destinado às aulas de arte foi considerado sua adaptabilidade às necessidades específicas, proporcionando áreas versáteis para diferentes formas de expressão, como pintura, escultura, performance e instalação. Além disso, visando a promoção da interação social e o diálogo entre o alunado, estimulando a troca de ideias e experiências.

Após três meses de observação participativa e grupo focal, a pesquisa foi concluída com a constatação de que um dos principais temas discutidos foi o senso de pertencimento, tanto por parte dos alunos quanto da instituição. Mostra-se explícito que o espaço estudado desempenha um papel central no currículo do estado, embora distante de oferecer experiências formativas aos seus atores, os alunos.

Estas reflexões são baseadas no caminho percorrido desde a definição do objeto da pesquisa - o espaço no ensino de arte - até as discussões realizadas no grupo focal.

O principal insight obtido é que a instituição de ensino, aqui, devidamente discutida pelo recorte do espaço nas aulas de arte, não se constrói apenas com estruturas físicas, mas requer o envolvimento ativo de todos os envolvidos, ou seja, o alunado.

Percebe-se mediante a pesquisa, que os ambientes nas escolas públicas, no sistema educacional de São Paulo, são maleáveis em suas transformações e ajustes, contudo voltados exclusivamente para os interesses do estado e para o cumprimento do projeto pedagógico em vigor.

Diante da falta de engajamento do corpo docente neste processo de pertencimento, e da pouca participação do alunado nestas discussões, o estado assume um papel ativo na tomada de decisões e na ocupação destes espaços escolares, principalmente no ensino de arte. Isso amplia a abordagem pedagógica sob a perspectiva dos interesses do estado em busca de cumprir uma agenda política específica, relegando a segundo plano elementos ligados às áreas humanísticas, como é o caso do ensino de arte.

Essa evidência mostrava-se presente em diversos momentos da pesquisa, ou seja, na observação participativa e sobretudo no grupo focal. Uma das falas que mais corroboraram para esta análise, foi dita pelo alunado durante o grupo focal: *“até hoje a gente nunca usou o laboratório que disseram que ia ser feito pra gente usar microscópio, até parece que vão fazer alguma coisa pra gente na aula de arte”*. Inconscientemente, este aluno reafirmou por meio de um processo psíquico e coletivo, ou seja, aquilo que não estava ao alcance da sua consciência, que a disciplina de arte, em sua avaliação, demonstrava menor valor do que a disciplina de Ciências. Esse tipo de fala revela uma espécie de juízo de valor, no qual pontua-se dentro de uma “escala de importância”, conteúdos e disciplinas que são prioridades para o currículo e sobretudo para a formação do indivíduo. Naturalmente, essa escala não foi inventada pelo aluno em questão. Trata-se de um projeto do estado.

Esse tipo de fala demonstra preocupação, visto que possivelmente o *projeto* do governo, que infelizmente não é apenas paulista, tem sido exitoso em esvaziar conteúdos da área de humanas, sobretudo na retirada silenciosa da *Arte* na formação do indivíduo, fazendo com que ele entenda que sua abordagem, mostra-se de menor importância quando comparado a outros conteúdos ou disciplinas.

Logo, expressa-se necessário e urgente o investimento na melhoria e adequação do espaço físico para as aulas de arte em escolas públicas, sendo essencial para promover uma educação mais inclusiva, criativa e humanizadora, contribuindo assim para o desenvolvimento integral dos estudantes e para o fortalecimento da importância da *Arte* na sociedade.

Uma das proposições advindas é a necessidade de um investimento contínuo na melhoria e adaptação dos espaços físicos destinados às aulas de arte. Isso inclui não apenas a adequação da sala de aula, mas também a incorporação de elementos que incentivem a experimentação, a interação e a colaboração entre os alunos.

Além disso, é fundamental repensar as abordagens pedagógicas utilizadas no ensino de arte, visando uma maior integração entre teoria e prática, bem como entre todas as disciplinas. Propondo a promoção de práticas interdisciplinares que conectem a arte com outras áreas do conhecimento, estimulando uma visão holística e contextualizada das expressões artísticas. Da mesma forma, a valorização do diálogo, da reflexão crítica e do protagonismo dos alunos em seu processo de aprendizagem.

Por fim, priorizar uma abordagem centrada no aluno, assim como, ocorreu no grupo focal, que leve em consideração suas necessidades, interesses e habilidades individuais. Cada estudante é único, e o espaço para aula de arte deve ser concebido de forma a promover uma educação inclusiva e diversificada, capaz de atender às diferentes demandas e trajetórias de aprendizagem.

Em suma, a construção e organização do espaço para aula de arte em escolas públicas, devem ser pautadas por uma visão ampla e integradora que reconheça o potencial transformador da arte na vida dos alunos e na sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

ARNHEIM, Rudolf. **Arte & percepção visual: uma psicologia da visão criadora**, 1974.

BARBOSA, Ana Mae (Ed.). **Ensino da arte: memória e história**. Editora Perspectiva SA, 2020.

KOWALTOWSKI, Doris CCK. **Arquitetura escolar: o projeto do ambiente de ensino**. Oficina de textos, 2011.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli EDA. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 1986.

MARTINS, G. D. A.; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica**. São Paulo: Atlas, 2009.

ZEVI, Bruno. **Saber ver a arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1978.